

## APRESENTAÇÃO

**Gregório Foganholi Dantas**

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, MS.

E-mail: [gregoriодantas@ufgd.edu.br](mailto:gregoriодantas@ufgd.edu.br)

— *Eu sou um fantasma.*

— *Isso quer dizer que não existes? — inquiriu Kovrin.*

— *Pensa o que quiseres — replicou o monge, com um leve sorriso — Eu existo na tua imaginação, e como a tua imaginação faz parte da Natureza, devo também existir na natureza.*

*Anton Tchekhov, O monge negro*

O presente volume começou a nascer em meados de 2020, no auge do primeiro ano da pandemia de COVID-19. Eu e meu grupo de estudos nos reuníamos quinzenalmente, via internet, para discutirmos nossas leituras e, no fundo, para nos fazermos companhia. Em algum momento foi sugerido que realizássemos um evento on-line, no qual pudéssemos reunir alguns especialistas sobre o tema do fantástico, nosso tema de eleição, e assim nasceu o Colóquio de Literatura Fantástica da UFGD. Nas três edições realizadas até agora, entre 2020 e 2022, o Colóquio reuniu 19 convidados, todos especialistas da literatura fantástica e de seus gêneros vizinhos: o maravilhoso, a ficção científica, o realismo maravilhoso, o neofantástico. Uma amostra do trabalho desses pesquisadores encontra-se reunida neste volume, com convidados dos dois primeiros colóquios.

Desde o início, era preciso tratar de uma questão metodológica. O escopo do Colóquio seria a literatura fantástica *strictu sensu*, gênero descrito por Tzvetan Todorov e outros, ou optaríamos por uma visão mais ampla, mais próxima do que Adolfo Bioy Casares, Jorge Luís Borges e Silvina Ocampo propunham na sua *Antologia da literatura fantástica?* No célebre prefácio desta antologia, Bioy Casares afirma, de saída, que “antigas como o medo, as ficções fantásticas são anteriores às letras” (CASARES, 2013, p. 09). E mesmo que tenha sido apenas no século XIX, e em língua inglesa, que o fantástico tenha nascido como gênero “mais ou menos definido”, o fato,

segundo Bioy, é que “as assombrações povoam todas as literaturas”, e de todas as épocas. Assim, a antologia traz autores diversos como Akutagawa, Cortázar, Maupassant, Wells, Kipling, entre tantos outros. O que inclui ainda um conto d’*O livro das mil e uma noites* e um fragmento do *Gargântua e Pantagruel* de Rabelais.

Nossa opção foi pelo segundo viés: assumir o “fantástico” como um espaço amplo, onde pudéssemos reunir discussões sobre a ficção científica e o real maravilhoso, sobre o gótico em Mary Shelley e o absurdo em Kafka. Tal opção possui a vantagem de ser englobante e de fomentar a discussão sobre os eventuais parentescos e distanciamentos entre estes textos. Era preciso, porém, estar atento aos riscos, respeitando as especificidades históricas e estilísticas de cada gênero.

Inadvertidamente, portanto, estávamos mais próximos de considerar o fantástico não como um gênero específico, mas como um modo, conforme descrito pela professora Marisa Martins Gama-Khalil (2013, p. 30):

Caso se parta de um mirante que considera seu enquadramento por intermédio do gênero, reduzimos o ponto de alcance de uma vasta literatura que fratura a realidade e se ergue como uma estética em que a incerteza é a base de criação, literatura essa que existe desde os primórdios, fruto do imaginário dos seres humanos. Pela vertente que considera o fantástico como um modo, podemos alargar o enfoque analítico sobre essa literatura, porque o que mais nos interessa nas pesquisas sobre a literatura fantástica não é datar determinada forma de fantástico nem enfeixá-la em uma espécie ou outra, mas compreender de que maneira o fantástico se constrói na narrativa e, o mais importante, que efeitos essa construção desencadeia.

Assim, a partir de uma visão modal do fantástico, poderíamos ampliar o escopo de pesquisa. A variedade de temas e abordagens dos artigos aqui reunidos refletem essa amplitude.

No primeiro artigo do volume, “O horla (primeira versão)”, de Guy de Maupassant, e os procedimentos de composição narrativa do gênero fantástico”, Flávio Garcia faz um minucioso percurso sobre o conceito de fantástico para analisar um conto exemplar. Já em “No território do fantástico, o espaço se esparsa”, Marisa Martins Gama-Khalil propõe, a partir da já apontada visão modal do fantástico, um estudo sobre como a construção do espaço é fundamental para a irrupção do sobrenatural, o que exemplifica a partir de narrativas de Edgar Allan Poe, dos irmãos Grimm e de Murilo Rubião. O método comparativo também é utilizado por Wellington Fioruci em “O duplo como discurso da alteridade em três contos de Cortázar”. O professor ana-

lisa “Lejana”, “La noche bocarriba” e “La isla a mediodía”, todas narrativas em que o tema do duplo ou a duplicação da estrutura diegética são elementos fundamentais no estabelecimento do conceito de alteridade.

Para não dizer que não tratamos de literatura infanto-juvenil, o artigo de Andréia Oliveira-Iguma analisa *A espada e o novelo* (2009), de Dionísio Jacob, e *Luna Clara & Apolo Onze* (2013), de Adriana Falcão. A partir de teorias que versam sobre o inólito e seus desdobramentos, a professora demonstra como se realiza o processo de autodescoberta das personagens e como a formação de jovens leitores pode ser estimulada por narrativas fantásticas.

Finalmente, o volume se encerra com dois artigos que tratam da ficção científica contemporânea. Em “Utopia em processo: os romances de André Carneiro”, Ramiro Giroldo analisa dois romances do escritor de ficção científica brasileiro: *Piscina Livre* (1980) e *Amorquia* (1991). Juntas, e ao lado de uma série de contos, essas narrativas compõem um ciclo distópico que dialoga diretamente com os conceitos de *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Já Ana Rüsche, em “‘Sonharão no jardim’, uma utopia ambígua da ficção científica latino-americana”, parte do conceito de “hiperstição” para analisar o conto da escritora mexicana Gabriela Damián Miravete (2015), uma narrativa em que se imbricam utopia e distopia, a partir do tema do feminicídio na América Latina.

Observando o conjunto de textos aqui reunidos, temos uma dimensão do quanto o fantástico -- seja considerado como um modo, seja considerado como um gênero -- é uma área de enorme interesse para os estudos literários. Historicamente, esse campo se mostrou um espaço profícuo para se tratar de temas tabu como incesto, necrofilia, formas de amor não convencionais; para antecipar e desenvolver temas caros à psicanálise; para alegorizar nosso mal-estar na modernidade e na pós-modernidade; para debater o sentido das utopias e das distopias, representando ainda hoje (ou sobretudo hoje) questões sociais e políticas que nos são urgentes; e por último, mas não menos importante, para servir de palco aos delírios criativos de Poe e Merimée, Rubião e Cortázar, Kafka e Lovecraft. Não é pouco.

O Colóquio de Literatura Fantástica da UFGD, assim como o presente dossiê, não seriam possíveis sem o apoio da FALE – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD, de sua então diretora, Carla Cristina Oliveira de Ávila, e de algumas pessoas em especial: Anaia Cappi, Bruno Augusto da Silva, Maira Angélica Pandolfi, Rodrigo Agüero, Rodrigo Bento Correia e Vinícius Oliveira Silva. Agradeço igualmente

a todos os professores que aceitaram o convite para participar do Colóquio e deste dossiê, o que muito nos honrou. E devo sobretudo um agradecimento especial aos alunos do meu grupo de estudos, interlocutores atentos e leitores finos.

## REFERÊNCIAS

CASARES, Adolfo Bioy. Prólogo. In: BORGES, Jorge Luís; CASARES, Adolfo Bioy; OCAMPO, Silvina (orgs). *Antologia da literatura fantástica*. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A literatura fantástica: gênero ou modo? *Terra roxa e outras terras*, v. 26, p. 18-31, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25158/18414>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

TCHEKHOV, Anton. *O monge negro*. Tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.